



IMPRESA
OFICIAL/ES

DIÁRIO OFICIAL

EM PARCERIA COM A SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

www.dio.es.gov.br

Caderno

Ano III - nº 21

Vitória-ES

Abril de 2014

Bimestral



ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

DIÁRIO DO OFFÍCIO



ESTADO FEDERAL DO ESPÍRITO-SANTO

ORDEM E PROGRESSO

VITÓRIA - SEXTA-FEIRA, 23 DE MAIO DE 1890, 2º DA REPUBLICA

ANNO I

ACTOS DO GOVERNADOR

Resolução n. 237, de 22 de maio de 1890 - Determina que, os actos do Governo d'este Estado, publicados no *Diário Oficial* do mesmo Estado produzam os devidos effectos para todas as repartições publicas e interessados.

1ª secção

O Governador do Estado, resolve, que d'ora em diante, todos os actos d'este Governo e publicados no *Diário Oficial* do mesmo Estado, produzam os devidos effectos para todas as repartições publicas e interessados - O que compra-se.

Resolução n. 238. - Torna sem effecto a nomeação de Ignacio de Barcellos Vieira para o cargo de 3º supplente da subdelegacia de policia do districto do Cachoeiro de Santa Leopoldina.

1ª Secção

O Governador d'este Estado, de accordo com a informação prestada pelo dr. chefe de policia em officio datado de hontem, sob n. 240, resolve tornar sem effecto o acto n. 174 de 14 de abril ultimo, na parte que nomeou o cidadão Ignacio de Barcellos Vieira para o cargo de 3º supplente da subdelegacia de policia do districto do Cachoeiro de Santa Leopoldina, visto não ter accedido por motivos que justificou - *Antônio Claudio de Freitas Rosa*.

Resolução n. 239, de 22 de maio de 1890. - Torna sem effecto a nomeação de Manoel Martins da Silva para 1º supplente da subdelegacia de policia do districto de "Itabora" no termo de Nova-Almeida e nomea para o substituir Manoel do Nascimento Silva e para o de subdelegado de policia do districto do "Icoinha" o cidadão Antonio José Duarte.

1ª secção

O Governador d'este Estado, á vista das propostas do dr. chefe de policia em officios datados de hontem, sob n. 241 e 242, resolve tornar sem effecto o acto n. 219, de 6 do corrente mez, na parte que nomeou o cidadão Manoel Martins da Silva para o cargo de 1º supplente da subdelegacia de policia do districto de Nova-Almeida e nomea para o substituir Manoel do Nascimento Silva e para o de subdelegado de policia do districto do "Icoinha" o cidadão Antonio José Duarte.

1ª secção

O Governador d'este Estado, á vista das propostas do dr. chefe de policia em officios datados de hontem, sob n. 241 e 242, resolve tornar sem effecto o acto n. 219, de 6 do corrente mez, na parte que nomeou o cidadão Manoel Martins da Silva para o cargo de 1º supplente da subdelegacia de policia do districto de Nova-Almeida e nomea para o substituir Manoel do Nascimento Silva e para o de subdelegado de policia do districto do "Icoinha" o cidadão Antonio José Duarte.

Guardião da História

Página 4

peixe salgado	60	60 réis por kilo	
fumo	57	2 réis por litro de	
ou farinha	58	10 réis por litro de rap	
ca ou cacau	59	20 réis por litro de polvilho	
	60	2 réis por litro de manna	
	61	20 réis por litro de aguarde	100\$
	62	4 réis por litro de arroz	100\$
	63	250 réis por couro saiga	50\$
	64	200 réis por couro cortido	60\$
	65	100 réis por cento de flexas	200\$
	66	7% sobre o valor official de	
	67	qualquer genero não taxado	
	68	15250 por tóza de jacaranda	
	69	15000 por pranchão de	
	70	qualquer madeira, 150 réis	
	71	por taboa de 0,027 de espessura, semo considera	
	72	pranchão a que excede	
	73	der esta bitola; 80 réis por	
	74	dormitor; 200 réis por	
	75	frechal; 15000 por paio curvo de	
	76	qualquer madeira para	
	77	construção naval; 10\$	
	78	por mastro de embarca	
	79	ção; 15500 por tóza de	
	80	madeira de lei, 500 réis por	2.400\$
	81	duza de carbos; 200 réis	
	82	por duza de ripas.	
	83	10% sobre o valor official	200\$
	84	de qualquer outra ma	
	85	de qualquer outra ma	
	86	de qualquer outra ma	
	87	de qualquer outra ma	
	88	de qualquer outra ma	
	89	de qualquer outra ma	
	90	de qualquer outra ma	
	91	de qualquer outra ma	
	92	de qualquer outra ma	
	93	de qualquer outra ma	
	94	de qualquer outra ma	
	95	de qualquer outra ma	

MENU

Erlon José Paschoal

erlonpaschoal@uol.com.br



Erlon José Paschoal
Diretor Geral da FAMES

O “*Outro Sertão*” de Adriana Jacobsen e So-raia Vilela, documentário envolvente e de excelente qualidade sobre a experiência de João Guimarães Rosa na Alemanha durante o período nazista, abriu a IX Mostra Produção Independente da ABD Capixaba, no Cine Metrôpolis, e segue seu curso bem sucedido de exibições em vários Estados do Brasil. J.G.Rosa nutria um carinho especial pela cultura alemã e viu-se na ocasião envolvido por uma sequência de atos aterrorizantes, frente aos quais teve de tomar uma posição humanista, é claro, em função de seus valores e de suas crenças.

Algumas décadas depois, as traduções de suas obras para o alemão tiveram uma repercussão surpreendente naquele país. Segundo ele, a tradução de Curt Meyer-Clason para o alemão era “magistral e definitiva”. Quando da publicação de suas obras, afirmou em uma de suas cartas: “a tradução e a publicação em alemão me entusiasma, por sua lata significação cultural, e porque julgo esse idioma o mais apto a captar e a refletir todas as nuances da língua e do pensamento em que tentei vazar os meus livros”. O filme se insere entre as melhores produções capixabas no gênero.



Pelo segundo ano consecutivo, a bela cidade de Santa Teresa vai se tornar sede, de 06 a 08 de Junho, de um dos eventos musicais de maior sucesso do calendário cultural do Estado do Espírito Santo: o Festival Internacional de Jazz & Bossa. Serão três dias intensos com apresentações de instrumentistas e grupos na-

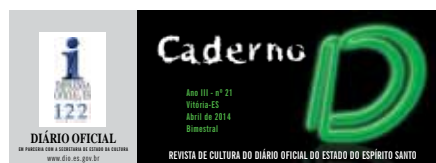
cionais e internacionais de reconhecida qualidade musical que irão fazer da pacata cidade capixaba o palco privilegiado para a celebração de uma linguagem artística que encanta a todos os seres sensíveis.

Santa Teresa com suas belas montanhas, sua gastronomia de forte influência italiana, suas pousadas agradáveis e sua área urbana aconchegante, tranquila e bem cuidada, é um cenário propício para combinar a força de atração da atividade cultural com o turismo qualificado.



Com muita música e espetáculos artísticos, a FAMES vai comemorar seus 60 anos de existência, ao longo do mês de Maio. Em 1954, o então Instituto de Música de Espírito Santo – IMES transformou-se na Escola de Música do Espírito Santo – EMES, dando início a uma trajetória que a transformou na mais importante instituição cultural mantida pelo Governo do Espírito Santo, responsável pelo fomento e pela prática da arte e da educação musical. Em 2004 passou a se denominar Faculdade de Música do Espírito Santo ampliando ainda mais a sua atuação pública e o seu significado cultural.

De 19 a 21 de Maio, vários grupos formados ao longo dos anos dentro da instituição se apresentarão entre 17h e 22h, em um palco montado no pátio da Faculdade. De seus coros e corais, passando pelos grupos sinfônicos e jazzísticos e culminando com a apresentação de seu ex-aluno Silva, a FAMES oferecerá ao público uma parte significativa de sua produção artística para celebrar esta data tão especial.

**GOVERNO DO ESTADO**

JOSÉ RENATO CASAGRANDE
Governador

GIVALDO VIEIRA DA SILVA
Vice-Governador

PABLO RODNITZKY
Secretário de Gestão e Recursos Humanos

DIO

MIRIAN SCÁRDUA
Diretora Presidente

SAMIRA MASRUHA BORTOLINI KILL
Diretora Administrativa-Financeira

MARCOS JOSÉ DE AGUIAR ALENCAR
Diretor de Produção e Comercialização

SECULT

MAURÍCIO SILVA
Secretário de Estado da Cultura

JOELSON HUMBERTO FERNANDES
Subsecretário de Estado da Cultura

RITA DE CÁSSIA SARMENTO COSTA
Gerente de Ação Cultural

Direção Geral

Marcos Alencar

Produção de matérias

Gilberto Medeiros

Revisão

Erlon José Paschoal

Projeto Gráfico

Ivan Alves (MTb-ES 28/80)

Jornalista responsável

Joelson Fernandes (ES 00418 JP)

Impresso na Gráfica do DIO

Este Caderno pode ser acessado
nos sites www.dio.es.gov.br
e www.secult.es.gov.br



Por trás da *diversão*

O mercado de casas de show do ES funciona com a vontade de levar boa música ao público.

Sentar a uma mesa de bar e ouvir uma boa música. Sair para dançar ao som de bandas e artistas locais em casas de show conhecidas. Quem nunca fez isso? Pois bem, fazemos isso praticamente todos os fins de semana e, muitas vezes, nem pensamos na quantidade de gente que trabalha para nos trazer o tão prazeroso 'rock' de sexta-feira e, de quebra, movimentam a economia criativa. Vale até usar o Facebook para fechar contratos.

Principalmente na Grande Vitória, as casas aliam a boemia noturna com doses musicais quase que diárias. Essa fatia do mercado atrai empreendedores culturais, que têm a vontade de reunir amigos e conhecidos com apresentações de bandas novas (ou nem tão novas). Segundo as prefeituras de Vitória e Vila Velha, são mais de 300 estabelecimentos licenciados com atividade principal ou secundária como casas de show.

A relação entre as casas, bandas e artistas é, segundo os produtores, a das melhores o possível. "As bandas vêm nos procurar para tocar porque sabem que o público do pub é fiel. Embora seja menor, ele é mais fiel", explica Wanderley Reis, 53,

dono do 'Stone Pub', em Vitória.

A casa mantém um formulário para o cadastro de bandas para que, dependendo do estilo da festa, o produtor escolha o artista com o perfil do evento. "Mas quando queremos uma banda nova, colocamos uma mensagem no facebook para tocarem na festa", explica o produtor da Stone Pub Artur Araújo Souza, 30, também DJ da casa. São realizados, em média, seis shows com bandas por mês e "mais dois só com festas com música eletrônica", finaliza.

O 'Correria Music Bar', em Vila Velha, funciona como casa de show e também só como bar. Segundo Paulo Carvalho, 33, proprietário, a proposta da casa é ser "um local de encontrar os amigos, de construir novas amizades. Coisas que só o rock n' roll nos proporciona", explica Paulo. Por lá passam bandas locais e, também, muitas de fora do Estado. "É uma média de 20 shows por mês, de quinta a domingo", explica Paulo.

Muitas vezes as casas de show transformam artistas contratados em clientes. É o que revela Flávia de Angeli, 34, proprietária do 'Dona Rosa Bar', em Cariacica, cujo foco é a gastronomia. "Eles também viram nossos clientes depois da apresentação". No Dona Rosa, o estilo principal do momento é o sertanejo, com artistas e duplas capixabas que tocam às sextas e aos sábados.



Astrid Malacarne é jornalista formada no primeiro semestre deste ano na Ufes.

Ecad arrecada R\$ 750 mil por mês

Toda casa que usa a música como meio de negócio tem que pagar uma taxa ao Escritório Central de Arrecadação e Distribuição dos direitos autorais das músicas executadas em público (Ecad), que repassa o valor aos artistas. No caso de um evento esporádico, o valor do pagamento é de 10% da receita bruta, ou seja, do faturamento com aquele show. No caso de um estabelecimento com apresentações permanentes, o valor é de 7,5% da receita bruta pago ao mês. São arrecadados cerca de R\$ 750 mil por mês de 2.550 estabelecimentos mensalistas e de 6.800 eventos esporádicos, como baile de formatura a um grande show. Segundo a assessoria, o Ecad não entra na relação de contrato entre a casa e os artistas.

Ordem dos Músicos do Brasil

Com cerca de 8 mil músicos inscritos no ES, a Ordem dos Músicos do Brasil (OMB) oferece a defesa da profissão, por meio de assessoria jurídica para garantir os seus direitos. A OMB faz a expedição de notas contratuais de forma gratuita aos músicos para que "se o contratante não pagar os direitos do músico, a nossa assessoria jurídica vai recorrer embasada no contrato de trabalho - notas contratuais", explica a presidente da Ordem e também musicista Marli Leal Carneiro, 44 anos.

As notas contratuais são regulamentadas pelas portarias 3346/86 e 3347/86 do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) para garantir os direitos do músico profissional, que é autônomo e não é resguardado pela Consolidação das Leis do Trabalho (CLT).

CAPA

Diário Oficial do Espírito Santo – Ano 124

Contar a trajetória da Imprensa Oficial do Espírito Santo é, ao mesmo, discorrer sobre fatos marcantes da história do Espírito Santo, afinal, são 124 anos de existência. Toda esta história começou em 23 de maio de 1890, data em que circulou a primeira edição do Diário Oficial (assim mesmo, com dois éfes!), do Estado Federal do Espírito-Santo. A data coincide com a Colonização do Solo Espírito Santense, que ocorreu em 1535.

Período de transição da Monarquia para a República, o Diário Oficial foi criado em uma época em que Vitória ainda era uma cidade sem energia elétrica e água encanada. Casas e ruas eram iluminadas à luz de lampião, velas e tochas. Já a água, era proveniente das nascentes da Fonte Grande, da Capixaba, da Lapa, do Vigia e dos poços artesianos. A circulação na cidade era feita por bondes e a arrecadação do governo era por quilograma de produtos, como café, toucinho, peixe salgado, fumo etc.

Foi neste cenário que o então go-



vernador Affonso Cláudio de Freitas Rosa, criou a publicação, a segunda mais antiga do país, ao editar o Decreto nº. 14, de 20 de fevereiro de 1890. Apesar de passado mais de um século, o objetivo da publicação é o mesmo até hoje: divulgar os atos do Governo.

“A publicidade dos atos oficiais do governo, por meio da imprensa, é medida reclamada pela ordem pública”, justificou, na ocasião, o então governador.

No início, a oficina tipográfica ficava no Palácio Anchieta, no Centro de Vitória, e a publicação era coordenada por um diretor (o primeiro foi Antenor Pinto de Oliveira), um secretário revisor, um administrador de oficinas, seis tipógrafos, cinco aprendizes de composição e um carteiro.

Mas nem tudo foram flores. Ao longo de sua história, o Diário seguiu ao sabor das transformações políticas, tendo sido suspenso várias vezes e até mesmo arrendado para a iniciativa privada. As seguidas mudanças de sede também fizeram parte do contexto histórico do Diário, que quase



Stephanie Oliveira
é jornalista

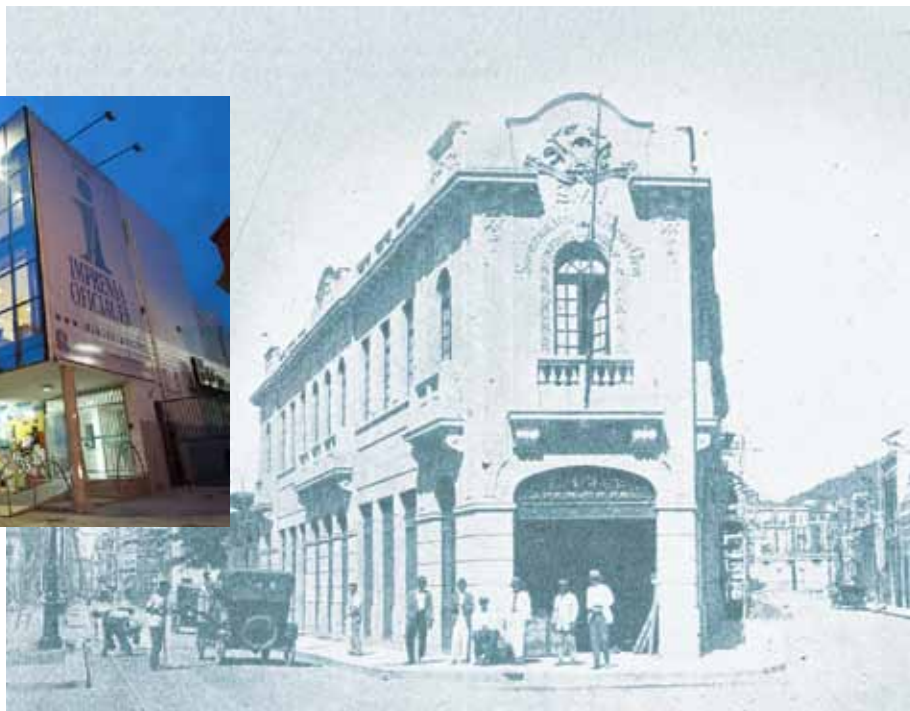
Stephanie Oliveira
stephanie.oliveira@dio.es.gov.br

foi extinto após um grande incêndio ocorrido em 20 de novembro de 1939.

Em 1948, sob o governo de Carlos Fernando Monteiro Lindenberg, a Imprensa Oficial ganhou uma nova sede, no coração da cidade, na famosa Avenida Capi-xaba, atual Jerônimo Monteiro. A mudança se deu a partir da compra de uma moderna máquina linotipo, modelo 32.

Contudo, a recuperação lenta e gradual somente começou a ocorrer em 1951, quando em 28 de dezembro o governador Jones dos Santos Neves cria o Departamento de Imprensa Oficial do Espírito Santo (DIO/ES). Na ocasião, o órgão funcionava como uma espécie de seção da então Secretaria do Interior e Justiça.

Em 1969, o DIO/ES passa a ter



mais autonomia ao se transformar em uma autarquia, com responsabilidade de gestão de toda sua estrutura técnica, financeira e administrativa. As transformações foram promovidas com a edição

A partir de 1971, o Departamento de Imprensa Oficial ganhou sede própria, no bairro Bento Ferreira, em Vitória, onde está instalado até os dias atuais. O prédio, construído especialmente para abrigar a autarquia, ganhou o nome do jornalista Orlando Bonfim Júnior, desaparecido durante o regime militar.

Uma nova Imprensa Oficial

Apesar da conquista da nova sede, os investimentos no órgão ainda deixavam a desejar. Mas, a partir de 1997, a história do Departamento de Imprensa Oficial do Espírito Santo começou a mudar. Após um grande esforço dos funcionários, houve uma

verdadeira reformulação no órgão. Como resultado, em março de 2000, a instituição recebeu o prêmio “Ações Pró-qualidade”, da União Brasileira para a Qualidade, tornando-se a primeira Imprensa Oficial, de todo o Brasil, a obter tal premiação, raramente conferida ao Setor Público.

Em 2002, o órgão deu mais um passo rumo ao desenvolvimento, com o início da implantação do DIO Eletrônico, um sistema responsável por toda a parte de publicação dos atos oficiais.

Outro passo importante foi o restabelecimento da circulação constante e atual do Diário Oficial, seguido da implantação da filosofia de plena satisfação para o cliente. As ações envolveram ainda um grande esforço no treinamento e reciclagem dos servidores, modernização do parque gráfico, implantação de um sistema integral de fluxo digital de informações, com a informatização

CAPA

Curiosidades

Desde sua criação, o Diário Oficial também foi denominado Correio Oficial do Espírito Santo, Diário da Manhã, O Diário e Jornal Oficial. A publicação também foi impressa em jornais privados e ainda como encarte.

Aristeu Borges de Aguiar assumiu a chefia do Diário Oficial em 1920. Em 1928 foi indicado para assumir a presidência do Estado, tendo governado de 30 de junho de 1928 a 16 de outubro de 1930.

A partir de 1938 o Parque Gráfico do Diário Oficial nunca mais foi arrendado.

Algumas máquinas, devido à sua importância, eram batizadas com nomes de personalidades, como foi o caso de uma rotoplana Duplex Press, que recebeu o nome de Florentino Avidos, então presidente do Estado.

Quando a sede era na Jerônimo Monteiro (Avenida Capixaba), muitos servidores trabalhavam com água na altura dos joelhos no período das chuvas, devido às enchentes.

O Parque Gráfico da Imprensa Oficial editou quase todas as pesquisas de Augusto Ruschi sobre os beija-flores e orquídeas. Aliás, Ruschi fazia questão de acompanhar pessoalmente as impressões.

José Maria Athayde Guimarães foi o presidente que mais tempo esteve à frente a Imprensa Oficial: foram 16 anos no total e quatro governos.



completa do órgão, e a nova formatação gráfica do Diário Oficial.

Além disso, o DIO/ES passa a se responsabilizar, verdadeiramente, com seus próprios recursos, pela folha de pagamento dos seus funcionários.

As mudanças também refletiram na produção do Diário Oficial, que ganhou maior atenção. A publicação, agora, é acessada pela internet (www.dio.es.gov.br) e tem, na versão em papel, moderno tratamento gráfico. Desde 2010 a impressão da capa é em versão colorida, conferindo ainda mais beleza e definição gráfica à publicação.

A ampliação e modernização da área de produção permitiram ainda a incorporação de novos serviços, como a produção de impressos (folders, livros, cartazes, cartilhas etc.) destinados aos mais diversos órgãos públicos.

Além disso, em 2010 o DIO/ES reali-

zou o primeiro concurso público da história da autarquia para a contratação de 28 profissionais das áreas administrativa, tecnologia da informação e parque gráfico. Atualmente, o órgão conta com aproximadamente 100 servidores.

E para dar prosseguimento ao seu plano de crescimento, a Imprensa Oficial acaba de lançar um novo sistema de publicações, o IOES. Seguindo a tendência mundial de inovação, a nova ferramenta tornou todo o serviço de publicação dos atos oficiais muito mais ágil e eficiente.

No entanto, a tecnologia não veio para apagar o passado. Ao contrário, é aliada. O objetivo é justamente preservar toda a história de uma instituição centenária que quase foi extinta por diversas vezes, mas ressurgiu literalmente das cinzas, tornando-se uma das mais modernas do país.



Stephanie Oliveira
stephanie.oliveira@dio.es.gov.br

Marcos Históricos

1890 – Em 20 de fevereiro o então governador Affonso Claudio de Freitas Rosa cria o Diário Oficial do Estado Federal do Espírito-Santo.

A publicação começa a circular em 23 de maio, data da Colonização do Solo Espírito Santense.

1891 – A publicação passou a denominar-se Correio Oficial do Estado Federal do Espírito Santo

1922 – Depois de várias compras e arrendamentos de equipamentos no governo Nestor Gomes, o jornal ganha novo maquinário e instalações no Palácio Anchieta, lugar que então abrigava a Igreja de São Tiago.

1936 e 1937 – O interventor João Punaro Bley faz importantes investimentos à produção do Diário Oficial, tendo sido compradas cinco impressoras e a sede, remodelada.

1939 – Produzido dentro Palácio do Governo, o Diário é vítima de um incêndio em 29 de novembro que destruiu quase que por completo equipamentos e documentos do órgão.

1948 – O então governador Carlos Lindenberg transfere as oficinas para a Avenida capixaba, atual Jerônimo Monteiro, e compra novos equipamentos.

1951 – Em 28 de dezembro de 1951, o governador Jones dos Santos Neves cria do Departamento de Imprensa Oficial do Espírito Santo (DIO/ES), em uma mudança defini-

da pela Lei 600/51. O órgão funciona como uma espécie de seção da então Secretaria do Interior e Justiça.

1969 – O DIO/ES passa a ter mais autonomia ao se transformar em uma autarquia. As transformações foram promovidas com a edição da Lei 2.449/69, sancionada em 21 de outubro.

1971 – O Departamento de Imprensa Oficial é transferido pelo então governador Arthur Carlos Gerhardt Santos da Avenida Jerônimo Monteiro para uma sede construída especialmente para o órgão na Avenida Beira Mar, em Bento Ferreira, onde se encontra até os dias atuais. O prédio recebeu o nome do jornalista Orlando Bonfim Júnior, desaparecido durante o Regime Militar.

1980 – A década marca um período de esvaziamento do órgão.

1990 – O período marca a substituição do Linotipo pela implantação do sistema offset.

1999 – O Departamento inicia seu período de reconstrução com novos equipamentos para impressão e acabamento.

2000 – Em março, o Departamento de Imprensa Oficial do Espírito Santo recebe o Prêmio “Ações Pró-qualidade”, da União Brasileira para a Qualidade. Foi a primeira Imprensa Oficial, de todo o Brasil, a receber tal Prêmio, raramente conferido ao Setor Público.

2001 – Inauguração do Diário Oficial na internet.

2005 – Por meio da Lei 327/2005 o órgão deixa de estar vinculado à Superintendência Estadual de Comunicação (Secom) e passa a integrar a estrutura da Secretaria Estadual de Gestão e Recursos Humanos (Seger).

2006 – Em 24 de maio o Diário passou a circular em papel offset 75g. O antigo papel jornal foi aposentado, garantido maior qualidade de impressão, principalmente para as fotografias.

2007 – Em 22 de maio o Diário Oficial ganha um novo projeto gráfico, com a adoção de cadernos próprios para cada categoria de publicações.

2008 – É implantando o sistema de buscas online, o DIO Eletrônico, por meio do qual o cidadão pode fazer pesquisas acerca de matérias legais publicadas no site da Imprensa Oficial (www.dio.es.gov.br).

2010 – Aprovação da Lei Complementar 547/10 que regulamenta o plano de cargos e salários da instituição, publicada em 1º de abril. Realização do primeiro concurso público da autarquia, com a contratação de 28 novos servidores das áreas administrativa, tecnologia da informação e parque gráfico.

2014 – O DIO/ES lança um novo sistema de publicações, o IOES, conferindo mais agilidade e eficiência ao serviço de publicação dos atos oficiais.



CAPA

A História da Imprensa Nacional

A Imprensa Nacional nasceu por decreto do príncipe regente D. João, em 13 de maio de 1808, com o nome de Impressão Régia. Conforme relata o histórico publicado no site www.in.gov.br, a instituição recebeu, no decorrer dos anos, novos nomes: Real Officina Typographica, Tipographia Nacional, Tipographia Imperial, Imprensa Nacional, Departamento de Imprensa Nacional, e, novamente, Imprensa Nacional.

A partir de dois rudimentares prelos iniciais e 28 caixas de tipos que vieram de Portugal a bordo da nau Medusa, integrante da frota que trouxe a Família Real Portuguesa, a Imprensa Nacional ostenta uma história de serviços ao país, tanto em sua missão de registrar diariamente a vida administrativa do Brasil pelo Diário Oficial da União, como por ser órgão de substantiva importância no plano cultural.

A história dos mais de 200 anos dessa instituição pública, uma das mais antigas do país, confunde-se com a História do Brasil e pontua o desenvolvimento da informação e da cultura do país. Foi a Imprensa Nacional que fez surgir a imprensa no Brasil, em 13 de maio de 1808, e o primeiro jornal impresso no país, a Gazeta do Rio de Janeiro, em 10 de setembro de 1808. Além disso, teve sólida presença como casa editora até o ano 2000.

Pioneirismos

Com os dois primeiros prelos e 28 caixas de tipos que, à época, o Correio Braziliense informou terem custado cem libras esterlinas - foram iniciados os trabalhos de impressão oficial no Brasil. Eles imprimiram as primeiras leis, alvarás, cartas régias, além de congratulações, odes, atos episcopais, orações e compêndios literários.

A Imprensa Nacional foi também pioneira na área editorial. O primeiro

impresso que saiu de um dos seus prelos foi um livreto de 27 páginas, exatamente no dia de sua criação: 13 de maio de 1808, data de aniversário de D. João. O título do livro é “Relação dos Despachos Publicados na Corte pelo Expediente da Secretaria de Estado dos Negócios Estrangeiros e da Guerra, no Faustosíssimo Dia dos Anos de S. A. R. o Príncipe Regente N.S.”.

Deste in-fólio de caráter oficial, saltava-se, por ordem de Sua Alteza Real, para uma obra acadêmica chamada “Reflexões sobre Alguns dos Meios Propostos para o Mais Conducente para Melhorar o Clima da Cidade do Rio de Janeiro”, que é considerado o livro mais antigo publicado no Brasil. Ano: 1808.

Depois, sempre pioneira, editava em 1811 o famoso “Uruguay”, de José Basílio da Gama, preso e exilado na África por ser jesuíta. Havia como ao longo desses quase 200 anos grande vitalidade produtiva em sua redação e oficinas. Uma prova disso: entre 1808 e 1822, saíram das impressoras da Impressão Régia nada menos que 1.154 impressos, dos quais várias obras científicas e literárias de grande valor. Entre elas, destacam-se, por exemplo, “Elementos de Geometria e o Tratado de Trigonometria”, de Legendre; “Ensaio sobre a Crítica” e “Ensaio Morais”, de Pope; “Marília de Dirceu”, do inconfidente mineiro Thomaz Antonio Gonzaga; e as “Obras de Virgílio”.

Na infância da imprensa brasileira, que se estendeu até a Proclamação da Independência, surgiram a Imprensa Nacional e doze oficinas tipográficas em várias províncias. Além de incentivar a disseminação da informação, a Impressão Régia, também difundiu a cultura, o que resultou em promoção da civilização brasileira pela circulação de idéias. Também foi participante da criação do Estado brasileiro.

Empreendeu esforços tecnológicos

inéditos, o que ao longo dos cem anos vindouros viria a se tornar um dos pontos altos de sua história de pioneirismos. Por exemplo, em 1809, os seus técnicos construíram, em madeira, o primeiro prelo da América do Sul e, em 1811, foi instalada a primeira fábrica de tipos. Foi este órgão que, além de instalar a primeira rota-



tiva no país, em 1902, fez funcionar as primeiras linotipos e monotipos. A gravação e a estereotipia, por sua vez, desenvolveram-se em suas oficinas.

Atos oficiais

A missão fundamental da Impressão Régia era, assim como é atualmente com a Imprensa Nacional, publicar os atos oficiais do Governo que se instalou no Rio de Janeiro em 7 de março de 1808.

Em 10 de setembro daquele ano, saía de suas oficinas o primeiro jornal impresso no Brasil, o Gazeta do

Stephanie Oliveira

stephanie.oliveira@dio.es.gov.br

Rio de Janeiro, que divulgava atos e diplomas legais, incluindo notícias originárias do exterior. Até 30 de setembro de 1862, os atos oficiais foram publicados em vários outros veículos impressos, inclusive como matéria paga. Foi quando, em 1º de outubro de 1862, o Governo resolveu, durante o 18º Gabinete do 2º Reinado, sob a presidência Conselho de Ministros de Pedro de Araújo Lima, Marquês de Olinda, editar o Diário Oficial, que



nunca mais deixou de ser publicado.

Sedes

O Presidente Juscelino Kubitschek determinou que o Diário Oficial publicasse os primeiros atos da nova capital do País. Para isso, o presidente trouxe do Rio, às pressas, 50 servidores públicos da Imprensa Nacional que, trabalhando dia e noite, rodaram o Diário Oficial, com os primeiros atos de Brasília. Uma curiosidade: o Setor de Indústrias Gráficas foi criado por causa da Imprensa Nacional. O Diário Oficial é rodado em Brasília desde a inaugura-

ção da Capital, em 21 de abril de 1960.

A Imprensa Nacional, então Imprensa Régia, foi inaugurada no pavimento térreo da casa nº 44, na Rua do Passeio, no Rio de Janeiro, na residência do Conde da Barca.

Essa foi a primeira sede. Mais tarde, a Imprensa Régia foi transferida para a Rua dos Barbons, atualmente Evaristo da Veiga. Dali, voltou para a Rua do Passeio, em 1809. Depois foi transferida para a Academia de Belas Artes e, a seguir, para o prédio da Cadeia Velha. Em 26 de agosto de 1874, o ministro da Fazenda, Visconde do Rio Branco, iniciou a obra do edifício que abrigou a nova sede da Imprensa Nacional, localizada na Rua 13 de maio, à época chamada Rua Velha Guarda. Funcionou ali até 1940.

Em 15 de setembro de 1911, um grande incêndio destruiu a maior parte das instalações da Imprensa Nacional. O fogo varreu arquivos de documentos, publicações raras e o acervo de sua biblioteca. Apesar do acidente, a sede continuou no mesmo endereço até 27 de dezembro de 1940, quando um novo prédio, inaugurado pelo Presidente Getúlio Vargas, abrigou, na Avenida Rodrigues Alves, as atividades do órgão. Foi a última sede no Rio de Janeiro.

Vanguarda

A Imprensa Nacional participou ativamente do progresso e da vida intelectual do País ao dar luz à imprensa periódica. Papel igualmente relevante teve no desenvolvimento das artes gráficas. A produção de selos e estampilhas foi, durante muito tempo, produto exclusivo da Imprensa Nacional, feito pela contribuição de mestres e artesãos trazidos de outros países, especialmente da Inglaterra.

E foi a Imprensa Nacional quem produziu o primeiro clichê do Brasil. Após criar o Real Arquivo Militar, da Academia Militar e da Marinha, D. João VI pediu ao gravador Paulo dos Santos Ferreira Souto a confecção do clichê, em cobre, da planta da cidade

de São Sebastião do Rio de Janeiro. O ano: 1808. O Real Arquivo Militar precisou de quatro anos para produzi-lo, mas em 1812 a Imprensa Nacional fez a primeira impressão com ele.

O clichê da planta do Rio de Janeiro é uma das várias raridades do Museu da Imprensa, localizado nos jardins da Imprensa Nacional, em Brasília. O acervo do Museu possui mais de 500 peças e documentos.

A modernização da Imprensa Nacional, sustentada por tecnologias de ponta e por capital intelectual, fortalece sua missão institucional de, com efetividade, levar aos Três Poderes e ao cidadão de todos os pontos do País e do Exterior os Diários Oficiais, verdadeiros instrumentos de exercício da cidadania e de fé pública.

Modernização

Nos primeiros passos do processo de modernização do órgão, destacou-se o lançamento, em 28 de janeiro de 1997, do endereço eletrônico (www.in.gov.br). No dia 17 de março daquele ano, a Imprensa Nacional disponibilizava parte da Seção I do Diário Oficial da União na rede mundial de computadores.

Outro momento marcante da história recente da Imprensa Nacional foi o título conquistado pelos Diários Oficiais, na edição do dia 19 de dezembro de 1997, de jornal de formato tablóide com o maior número de páginas do mundo. Ao atingir a incrível marca de 2.112 páginas, aquela edição teve tal recorde homologado pelo Guinness Book. Depois disso, o recorde foi várias vezes superado, chegando ao dobro do número reconhecido pelo Guinness.

A inserção da instituição na era digital avançou mais um passo em 20 de abril de 2000, nas comemorações dos 40 anos de sua atividade em Brasília. Nesse dia, foi lançado o Diário Oficial completo na Internet, ampliando a democratização do acesso do cidadão às leis.

ARTES PLÁSTICAS

Marian

“Tudo veio de repente. Mas a arte lá em casa tem origem com meu pai e minha mãe. Ele fazia esculturas quando menino e ela aprendeu pintura com a irmã Maria Tereza de Novaes no Colégio do Carmo. Comecei ainda menina, e a arte foi um arrebatamento”. Assim resumiu a artista plástica Marian Rabello, que tem espalhadas pinturas e mosaicos em azulejo em prédios públicos do Espírito Santo e fora dele.

Nascida em Vitória, em 1931, Marian produz profissionalmente desde meados da década de 1960. Difícil apontar obras destacadas, tamanha sua produção, mas a pintura ‘Procissão dos Homens’, encomendada pela direção do Convento da Penha, em Vila Velha, e até hoje em seu acervo, é uma que a própria artista revela preferência.

“O convite para pintar a ‘Procissão dos Homens’ foi uma surpresa maravilhosa! Pensar que uma mulher podia fazer este trabalho; fui lá para o meio deles num tempo em que só os homens faziam a caminhada. Fui lá vivenciar isso para pintar”, recordou.

Entre os imensos mosaicos de azulejos fabricados por ela em seu ateliê, ela destaca a série que retrata profissões e processos pro-

ductivos com a ‘Laminação de Madeiras’ (antiga Atlantic Venner); ‘Ciclos do Desenvolvimento Agrícola do Espírito Santo’ (Secretaria de Estado da Agricultura) e ‘Fim de Pesca’ (loja dos Correios na Praia da Costa, Vila Velha).

Marian faz das palavras arte até para explicar sua maneira de produzir. “Quando estou trabalhando, me inspiro no que vai na alma. Toda vez é um início, mas o artista nasce e conceitua a partir da vivência. Ser artista é unir memória e entusiasmo por tudo que aparecer de novidade”, afirmou.

“Fazer mural e tela são trabalhos completamente diferentes. A tela a gente vai fazendo, mas os murais nós temos fazer os azulejos, eu tinha forno de 800 graus celsius, fazia as placas numeradas para facilitar a montagem, que começa de baixo para cima”, ensinou.

Sorridente durante toda a entrevista, Marian Rabello aproveita para descontrair e contar pequenos segredos. “Gosto muito de Guarapari. O mar me inspira muito”, revelou. “Sempre tive medo do ridículo”, confessa, antes de contar um caso: “Uma vez fiz um trabalho para um deputado, recebi o cheque, guardei e esqueci ele. Anos depois eu encontrei e já não valia mais nada”, divertiu-se.



Gilberto Medeiros
é jornalista e
blogueiro

Gilberto Medeiros
gilberto_medeiros@yahoo.com.br



Fotos: Gilberto Medeiros



ARTES PLÁSTICAS

Obra vira livro lançado pela Ufes

A obra de mosaicos de azulejos de autoria da artista plástica ganhou registro no livro 'Marian Rabello e os azulejos murais – experiências em arte pública', lançado pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) este ano. São 84 páginas dedicadas aos imensos murais que retratam paisagens capixabas, profissões e seus trabalhadores em ação e motivos religiosos.

Produzido pelo Laboratório de Extensão e Pesquisa em Artes com apoio do Fundo Estadual de Cultura, o livro foi organizado pelo professor doutor José Cirillo e suas alunas de mestrado Ciliani Celante e Marcela Belo.

Os autores partem de uma apresentação da arte em cerâmica e o que chamam de sobrevoo sobre a pintura em azulejo no Brasil para então situar Marian Rabello nesse contexto.

Rico em fotografias, o livro resgata a história do primeiro painel em azulejo feito pela artista em 1965, no antigo bar Lanches Vitória – hoje demolido junto com a obra. E revela que Marian, antes de montar um forno em seu ateliê, utilizava técnicas arcaicas como a majólica, que consiste em comprar o azulejo industrial vitrificado em cor branca e transferir a composição pré-desenhada em papel vegetal.

Confira a seguir a entrevista com o professor José Cirillo sobre a produção do livro e a vida de Marian Rabello.

Caderno D – Como surgiu a ideia do livro sobre Marian Rabello?

Professor José Cirillo – O projeto editorial está integrado ao trabalho de pesquisa que fazemos sobre a arte pública do Espírito Santo. Começamos a fazer a partir dos anos 1990 e começamos a perceber que algumas pelas da arte pública no estado não estavam inventariadas, então fomos buscar município por município. O que chamou a atenção em Vitória foi que há três artistas fazendo painéis: Dois artistas que vieram para cá, o Raphael Samú, a Freda Jardim e, paralelo a eles e bem anterior, havia a Marian Rabello, aqui nascida. Ela talvez tenha sido a que mais se dedicou a isso no período dos anos 1960, 1970. Já publicamos um livro sobre o Samú, até pelo painel da Ufes. Eu me sentia em dívida com a Marian, enquanto pesquisador.

Quando começou a produção do livro?

Protocolamos o projeto em 2013 e o governo do Estado aprovou e financiou o livro. E começamos a pesquisa e nos deparamos com uma produção tamanha que nos impressionou e o livro ficou bem maior do que pensávamos.

O que causou surpresa?

A gente achava que os murais mais conhecidos, como o da antiga Atlantic Venne e da Real Café fossem os maiores trabalhos que ela fez, mas quando ela nos mostrou as fotografias de seus mosaicos da Fazenda Veloso, em Nova Venécia, reproduzindo a Via Sacra em 15 grandes estações, entendemos que esse trabalho tinha de ser feito com maior aprofundamento.

Como ele reagiu?

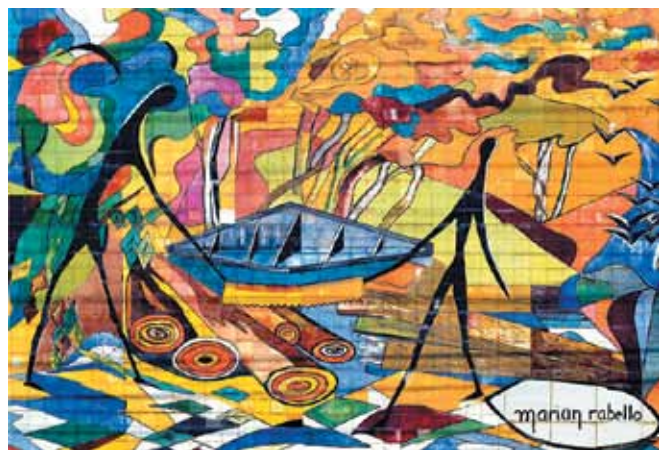
Fizemos uma entrevista com ela no começo de tudo e ela parecia desanimada, estava sem vaidade. E a fotografia que abre o livro mostra uma Marian feliz de novo. Ela já sofreu, seu ateliê foi roubado, suas obras caíram no esquecimento. Mas com a memória dela retornando diante de si ela voltou à sua exuberância. Só isso já teria valido à pena. Mas para a história da arte do Espírito Santo será uma referência para estudantes, pesquisadores. ■



Gilberto Medeiros
gilberto_medeiros@yahoo.com.br



Painel na fachada do prédio do DIO



Serra - Atlantic Veneer



Linhares - Ceplac



Guarapari - Escola Ana Rocha Lira



N. Venécia - Faz. Veloso



Viana - Real Café

MINHA ESTANTE / FERNANDO ACHIAMÉ

O texto simples dos bons *a*

Quando encantou-se pela leitura, por volta dos oito anos de idade, Fernando Achiamé passou a ‘devorar’ tudo o que lhe aparecia diante dos olhos quase com o mesmo fervor, dos gibis da turma do Pato Donald, passando pelas revistas O Cruzeiro e Manchete. Com doze anos já lia jornais. Mas o início de tudo foi ainda mais cedo, quando aprendeu a ler aos seis anos de idade na Escola Ângela de Brienza na Rua Moacir Avidos, Praia do Canto, da educadora Álpia Couto.

“Cheguei em casa e li para minha mãe as primeiras frases da cartilha; ela não acreditou e fez alguns testes para ver se estava lendo mesmo ou se tinha decorado as palavras”, recordou com clareza antes de contar que a família incentivava o hábito. “Os parentes, percebendo que gostava de ler, me davam livros no Natal ou no aniversário, e quando recebia algum prêmio na escola era em geral na forma de livro”.

Enquanto prepara-se para publicar o novo livro de poemas Manual prático do mistério, Achiamé revelou para o Caderno D seis livros que marcaram sua vida de leitor.

O Sítio do Pica-pau Amarelo de Monteiro Lobato

Igual a muitas crianças da minha geração, tomei gosto pela leitura por meio das obras infantis de Monteiro Lobato. Lá em casa tinha a coleção de suas histórias para crianças, encadernada em capa dura e de cor verde-escura, comprada na antiga Livraria Âncora. Incluía também obras de Lobato destinadas a adultos – Urupês, Cidades mortas, Jeca Tatu... A coleção ficou com meu irmão, Geraldo,

que a mantém até hoje. Pedrinho, Narizinho, a boneca Emília, o Visconde de Sabugosa, tia Anastácia, dona Benta, o Marquês de Rabicó... cada personagem tinha seu encanto particular que se prolonga pela vida afora. A imaginação infanto-juvenil não tem limites (por acaso, que imaginação os tem?) e estranhei quando, já, adulto, assisti a alguns episódios do “Sítio do Pica-pau Amarelo” na TV. O “meu” sítio era muito mais bonito. Gozado que, mesmo bem jovem, já percebia a escrita de Monteiro Lobato como feita com simplicidade, sem firulas ou excessos, e com amplo uso da ironia. Divertia, ao mesmo tempo em que educava para a vida.

Contos de Hans Christian Andersen

Li e reli na infância, e tenho o li-



Gilberto Medeiros é jornalista e blogueiro



Gilberto Medeiros
gilberto_medeiros@yahoo.com.br

utores

vro até hoje. Edição ilustrada com belos e impactantes desenhos de Nelson Boeira Faedrich e tradução de Pepita de Leão, publicada pela Editora Globo. Convém destacar ambos, desenhista e tradutora, pois eles não mascaram os aspectos de terror e de medo que os originais carregam, muitos deles inspirados no folclore europeu, como aprendi muito tempo depois. Porque existem versões desses contos bem açucaradas, o que distorce a intenção original do autor, que era de deslumbrar e impactar os jovens leitores. Li alguns desses contos para meus filhos pequenos. A conclusão? Ser criança é bom, mas a vida é dura.

Seleção poética de Fernando Pessoa



Era um jovem tímido e os versos de Pessoa foram minha companhia preferida em muitas fases da juventude. Os diversos heterônimos de Pessoa me fizeram enxergar as amplas possibilidades do fazer poético. Essa bem cuidada seleção, que ganhei de um amigo, contém poemas líricos – muitos deles bem conhecidos – e épicos, como os referentes à história de Portugal.

Antologia poética, Carlos Drummond de Andrade

São poemas solares, mesmo os que abordam temáticas sombrias. E falam do cotidiano, dos fatos da vida e, sem muitas elucubrações ou filosofias aparentes, nos fazem pensar, o que me agrada. Os personagens principais são os homens e mulheres simples, comuns. Drummond, Fernando Pessoa, Cecília Meireles e Manuel Bandeira são as minhas maiores influências como poeta.

Levantado do chão de José Saramago

Tinha um cunhado português, já falecido, e, sabendo de meu gosto pela leitura, assim que o primeiro sucesso de Saramago, Memorial do convento, estourou em Portugal, me enviou um exemplar. Devo ter sido um dos primeiros leitores do Saramago em terras capixabas. Fiquei fã do gajo. Prefiro os romances da chamada primeira fase – O ano da morte de Ricardo Reis, Memorial do convento, A jangada de pedra, História do cerco de Lisboa. Forte o personagem João Mau-Tempo de Levantado do chão na sua luta contra a injustiça social.

Vida e história de José Honório Rodrigues

Grande historiador brasileiro, um pouco esquecido ultimamente, suas obras me marcaram bastante, em especial “Vida e história”, uma reunião de ensaios pela liberdade de pensamento e pelo compromisso com a ciência histórica, fazendo-me refletir que para ela, como para Deus, todos estão vivos – os que viveram e persistem com sua influência; os que vivem e constroem o futuro. Os verdadeiros protagonistas da história são as populações humanas, embora certas personagens possam se destacar como heróis, ídolos, por resumirem toda uma época. ■

Fernando Antônio de Moraes Achiamé, natural de Colatina (ES), é graduado em História pela Universidade Federal do Espírito Santo, mestre em História Social das Relações Políticas pelo Programa de Programa de Pós-Graduação em História/Ufes. Arquivista, pesquisador-associado do Núcleo de Estudos e Pesquisas da Literatura do Espírito Santo (Neples/Ufes) e sócio do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo (IHGES). Escritor, tem entre os últimos lançamentos o ensaio biográfico *Guilherme Santos Neves* (2013) escrito em co-autoria com a jornalista Linda Kogure, e o livro de poemas *Livro Novíssimo* (2011).



Igreja Matriz do município de
São José do Calçado/ ES
Foto: Clarindo Lino
c.alencar.lino@uol.com.br

APOIO

SECRETARIA
DA CULTURA



GOVERNO DO
**ESPIRITO
SANTO**
CRESCER É COM A GENTE